

> *Reflexão sobre os negros*, de Olympe de Gouges

> *Reflection on blacks*, by Olympe de Gouges

por Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

Doutor em Filosofia (UFBA). Professor de Filosofia do Colégio de Aplicação (UFS) e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (UFS). E-mail: marceloprime_sp@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-7406-5371.

> Tradução recebida em 25.05.2020 e aceita em 28.08.2020.

A violência com a qual se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados fazem com que, por uma justa contrapartida, o colonizado tenha um riso irônico quando se evocam diante dele esses valores.

Frantz Fanon, *Os condenados da terra*

I can't breathe.

George Floyd, cidadão negro pisoteado e sufocado por um policial branco em Minneapolis.

Apresentação

Olympe de Gouges publica as *Réflexions sur les hommes nègres* no ano de 1788. Com ideias abolicionistas, a autora aborda a condição dos escravos negros no Século das Luzes, em um contexto de profusão do ideário dos progressos da razão em todos os campos do saber. Ela evidencia, porém, que os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade ainda estavam bastante aquém de serem praticados ao pé da letra.¹ A autora vislumbrara a mesma temática ainda em 1783 com a peça teatral *Zamora et Mirza ou l'Heureux Naufrage*, que abre alas para o adentramento de Olympe na literatura e já evidencia todo o seu engajamento político. Em meio à atmosfera de liberdade da palavra, predominante nos *salons* e com o teatro sendo inevitável como objeto de reflexão e contenda, o assunto do

¹ Só para situarmos, o decreto de abolição da escravatura nas colônias surge em 1794, sendo a escravidão posteriormente restabelecida por Bonaparte em 1802 e definitivamente abolida em 1848.

preconceito racial era polêmico mesmo no bojo de uma época *iluminada*, ainda mais quando a respectiva crítica da escravidão negra advinha da pena de uma mulher. Concluindo o prefácio da edição de 1792 — a última versão do texto — ela diz que redigiu a peça teatral como uma justificativa a seus detratores, “que os odiosos Colonos tinham proscrito e apresentado como uma obra incendiária”². O teor antiescravagista da peça foi perceptível na medida em que, pela primeira vez na história do teatro, personagens principais eram escravos negros, seja nos decoros e nos costumes, seja nas maquiagens e nos figurantes — aspectos que deram muito mais autenticidade à representação cênica do drama. Através da peça, Olympe defende publicamente a abolição da escravatura, dando contorno “em algumas linhas [a] todos os vergonhosos preconceitos sobre o racismo, fundados sobre a crença na maldição divina que a Igreja Católica jamais colocará fim”³.

Iniciando as *Réflexions*, Olympe assevera: “sempre me interessei pelo destino deplorável da raça negra”⁴. À medida que seu entendimento acerca das coisas mundanas se desenvolvia e se ampliava, na primeira vez em que viu uma mulher negra pôs-se a pensar e indagar-se sobre a cor da mulher que avistara. Questionamentos feitos a outrem alimentaram cada vez mais a sua curiosidade,

² Trecho retirado de uma conferência proferida por Geneviève André-Acquier, em razão de uma homenagem a Olympe de Gouges na cerimônia de entrega de diplomas aos nomeados e promovidos na ordem das Palmas Acadêmicas, em 17 de abril de 2014, na prefeitura de Montauban. Disponível em: http://web.ac-toulouse.fr/automne_modules_files/pDocs/public/r26109_61_olympe_de_gouges_et_la_question_de_lesclavage_des_noirs.pdf. Acesso em: 26 nov. 2019.

³ Olivier Blanc, *Olympe de Gouges: des droits de la femme à la guillotine*, 2014, p. 90.

⁴ GOUGES, Madame de. “Réflexions sur les hommes nègres”. In: *Esclavage des noirs ou l'Heureux Naufrage*. Tome I. Paris: Cailleau, 1788. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Esclavage_des_noirs_ou_l%E2%80%99Heureux_Naufrage, p. 14-19. Acesso em: 26 nov. 2019.

já que só lhe respondiam que pessoas negras eram irracionais e amaldiçoadas pelos deuses. Quanto mais o tempo passava, mais Olympe entendia que não era natural a escravidão infligida aos negros e que a única razão dessa injustiça era a sede de poder e os interesses particulares dos brancos:

Na medida em que crescia, percebi claramente que o preconceito e a força as condenavam àquela escravidão terrível, na qual a natureza não participava de forma alguma; e que os poderosos e injustos interesses dos brancos eram os únicos responsáveis pelo fato⁵.

Convencida sucessivamente da verdade sobre a condição dos escravos, Olympe inspira-se em tal episódio para a sua *première* nos espetáculos teatrais franceses com uma peça advinda de sua imaginação. Se o interesse despertado nos homens pelo destino dos escravos levou a esforçarem-se para amenizarem o fardo da escravidão nos negros, todavia, nenhum sequer cogitou que eles representassem em um tablado a sua própria condição, com seus trajes e sua cor da pele, como Olympe tinha em mente — se não esbarrasse na proibição imposta pela *Comédie Française*:

Convencida por um longo tempo dessa verdade e dessa terrível situação dos escravos, inseri sua história na primeira peça que surgiu da minha imaginação. Muitos homens se interessaram pelo destino dos escravos e se esforçaram para aliviar seu fardo, porém nenhum pensou em deixá-los subir ao palco com suas roupas típicas e sua cor como eu planejava fazer, se a *Comédie Française* não tivesse se oposto⁶.

Mais importante do que a própria peça e a recepção da mesma pelos *Comédiens* e pelos espectadores, Olympe levanta uma questão fundamental: no que tange ao fato da escravidão negra, “quando nos ocuparemos em mudar essa realidade, ou [em] ao menos tentar amenizá-la?”⁷. Tais questionamentos a

⁵ *Ibidem*, p.13.

⁶ *Ibidem*, p.13-14.

⁷ *Ibidem*, p.14.

respeito de como seria possível tirar os negros da condição desumana de escravos não tardaram a encolerizar os proprietários coloniais.⁸ Fazendo parte das raras mulheres que participavam da *Société des Amis des Noirs*, Olympe foi acusada por seus ferrenhos opositores de ser uma “donzela escritora de maus romances sobre o Congo”⁹. Para a autora, as pessoas são iguais em todos os cantos do planeta e toda a miséria propalada pela escravidão foi iniciada quando ela se tornou um comércio, devido à ganância e à avidez dos brancos colonizadores pelo lucro nas ilhas mais inóspitas. Motivados pela cobiça do que poderia ser extraído nesses lugares, os colonos alteravam completamente o curso das coisas aonde chegavam. Sendo assim,

pais passaram a repudiar seus filhos, filhos a sacrificar seus pais, irmãos a brigar, e os derrotados foram vendidos como gado no mercado. À que me refiro? Que a escravidão se tornou um comércio nos quatro cantos do mundo¹⁰.

⁸ Segundo Olivier Blanc, “esses primeiros movimentos filantrópicos terminaram inquietando seriamente os proprietários coloniais. Em 1789, para se opor aos esforços dos Amigos dos Negros, eles formaram um clube [que] fazia suas reuniões no hotel de Massiac, na praça das Vitórias, em Paris. Toda a sociedade crioula, muito poderosa, aí se encontrava periodicamente para exercer uma espécie de pressão sobre a Assembleia Nacional que, ela mesma, contava muitos deputados proprietários coloniais” (*Op. Cit.*, p. 90-91).

⁹ *Ibidem*, p. 91.

¹⁰ Olympe de Gouges, *Op. Cit.*, 1788, p. 14. Holbach, em 1772, n’*A moral universal*, já desferia duras críticas ao tráfico de escravos e às leis que permitiam esse tipo de *comércio*: “Assim a razão humana, desenvolvendo-se com o tempo, curou pouco a pouco as nações da sua barbárie e as conduziu a alguns usos mais equitativos, mais conformes à moral e ao interesse do gênero humano. Essa moral clama a todos os habitantes do mundo que, ricos ou pobres, poderosos ou fracos, ditosos ou desgraçados, eles são da mesma espécie e têm direitos iguais à equidade, à beneficência e à piedade de seus semelhantes. Porém, sua voz não se fez ouvir por esses mesmos europeus, quando sua avidez os transplantou para um novo mundo. Vós os vedes, nessas regiões, comandar como verdadeiros tiranos alguns negros desgraçados, que um comércio odioso compra como vis animais para revender a senhores impiedosos que lhes fazem sentir as crueldades e os caprichos dos quais a insolência, a impunidade e a avareza podem tornar capaz. Esse tráfico abominável é, no entanto, autorizado pelas leis de nações que se dizem humanas e civilizadas, ao passo que um sórdido interesse faz que elas, evidentemente, ignorem os direitos mais sagrados da humanidade” (2014, p. 743). Em um tom ainda mais radical, Frantz Fanon, em *Os condenados*

É importante lembrar que, em 1789, a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos correspondia a dois terços do comércio externo da França, sendo o maior mercado individual para o tráfico negreiro da Europa. Este constituía um dos pilares econômicos da maior colônia do planeta no século XVIII, um orgulho francês que atiçava a inveja de outras nações imperialistas e era sustentado pelos trabalhos forçados de quinhentos mil escravos.¹¹ O espanto de Olympe — a respeito do tratamento de seres humanos como mercadorias — se deve aos brancos não conseguirem compreender que eles em nada são superiores aos negros, e que é nessa diversidade que a natureza se mostra perfeita. Desferir investidas contra essa evidente pluralidade racial é querer negar a sua obra. Como a ampla e rica gama de espécimes de animais, plantas e minerais diferentes que a natureza engendrou, em relação à cor das pessoas não seria diferente. Dessa forma, “por que o dia não discute com a noite, o sol com a lua, ou as estrelas com o céu? Tudo é diferente, é diverso, e é nisto que reside a

da terra, afirma: “Essa opulência europeia é literalmente escandalosa, pois foi construída sobre as costas dos escravos, alimentou-se do sangue dos escravos, vem em linha direta do solo, e do subsolo desse mundo subdesenvolvido. O bem-estar e o progresso da Europa foram constituídos com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos índios e dos amarelos. Isso, decidimos não esquecer jamais” (2005, p. 122-123).

¹¹ Contudo, em seu livro *Os jacobinos negros*: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos, Cyril Lionel Robert James comenta: “Em agosto de 1791, passados dois anos da Revolução Francesa e dos seus reflexos em São Domingos, os escravos se revoltaram. Em uma luta que se estendeu por doze anos, eles derrotaram, por sua vez, os brancos locais e os soldados da monarquia francesa. Debelaram também uma invasão espanhola, uma expedição britânica com algo em torno de sessenta mil homens e uma expedição francesa de semelhantes dimensões comandada pelo cunhado de Bonaparte. A derrota da expedição de Bonaparte, em 1803, resultou no estabelecimento do Estado negro do Haiti, que permanece até os dias de hoje. Essa foi a única revolta de escravos bem-sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocam em evidência a magnitude dos interesses envolvidos. A transformação dos escravos que, mesmo às centenas, tremiam diante de um único homem branco, em um povo capaz de se organizar e derrotar as mais poderosas nações europeias daqueles tempos é um dos grandes épicos da luta revolucionária e uma verdadeira façanha” (2010, p. 15).

beleza da Natureza. Por que então destruir sua obra?"¹². A humanidade sendo o que há de mais belo originado pela natureza, não acusa de bárbaras as raças que exploram os brancos, e estes, por sua vez, em relação aos negros, são "igualmente cruéis com pessoas cujo único meio de resistência é a submissão"¹³.

Ao final do escrito, Olympe chega ao ponto nevrálgico do conteúdo revolucionário das *Réflexions*: quando a submissão do escravo começa a esmorecer, se inflama o sentimento de revolta, explodindo dentro dele e levando-o a agir. É intolerável que colonos, sustentados pela labuta dos que os servem, castiguem sem parar, sem levar em conta tratá-los melhor.¹⁴ Dessa forma, é permitido pensar em mudar o seu destino, melhorar suas condições de vida e fazer com que eles usufruam bem da liberdade que lhes for atribuída. Ironicamente Olympe, quando diz ser leiga em política, declara que os poucos que preveem que uma liberdade mais ampla colocaria em pé de igualdade os negros e os brancos — os primeiros sendo, a partir de então, donos de seus próprios destinos — poderiam eles mesmos conduzir suas vontades e empenharem-se mais em seus ofícios. Sairiam das malhas da intolerância e, gozando dos mesmos direitos que os outros, seriam mais sábios e humanos.¹⁵ Denunciando audaciosamente a situação dos negros escravizados nas colônias, Olympe o fez no pior momento, isto é, no seio das grandes diatribes promovidas pelos proprietários coloniais contra os defensores da abolição.

¹² Olympe de Gouges, *Op. Cit.*, 1788, p. 15.

¹³ *Ibidem*, p. 15.

¹⁴ Holbach argumenta na mesma linha de raciocínio: "Essa humanidade deveria fazê-las sentir que os homens negros são homens, sobre cuja liberdade os homens brancos não têm o direito de atentar, mas, pelo menos, deveriam tratar com bondade, quando o destino os submete ao seu poder" (2014, p. 743).

¹⁵ Olympe de Gouges, *Op. Cit.*, 1788, p. 15.

De tudo o que foi acima considerado, o que intentamos mostrar neste texto introdutório à presente tradução — penso que seja a primeira diretamente da língua francesa — é que, à luz da sua entrada inaugural na *Comédie Française* com uma peça cuja crítica ao tráfico negreiro era ferrenha e, mesmo entendendo que suas apreciações, boas ou más, sejam devidas ao acaso, Olympe, através do teatro, pôde manifestar sua sensibilidade e seu apoio incondicional à abolição da escravatura: “Mais do que ninguém, devo me interessar pelo destino desses desafortunados Negros, porque faz cinco anos desde que escrevi uma peça baseada em sua história trágica”¹⁶.

¹⁶ *Ibidem*, p. 16.

Reflexão sobre os negros

Olympe de Gouges

(Fevereiro de 1788)

A raça negra sempre me interessou em seu deplorável destino. Com dificuldade meus conhecimentos começavam a se desenvolver, e em uma idade na qual as crianças não pensam nisto, o aspecto de uma negra, que vira pela primeira vez, me levou a refletir e a fazer questões sobre a sua cor. As pessoas que eu pude então interrogar não satisfizeram a minha curiosidade e o meu raciocínio. Tratavam-lhes como pessoas brutas, como seres que o céu tinha amaldiçoado. Mas, avançando com a idade, vi claramente que era a força e o preconceito que os tinham condenado àquela horrível escravidão da qual a natureza não tinha parte alguma; e que o injusto e poderoso interesse dos brancos tinham-no feito.

Convencida desde muito tempo dessa verdade e de sua horrível condição, tratei a sua história na primeira obra dramática que saiu de minha imaginação. Vários homens ocuparam-se de sua sorte. Trabalharam em adocicá-la, mas nenhum pensou em apresentá-la em cena com os costumes e a cor tal como eu tentei, se a *Comédie Française* não tivesse se oposto. Mirza tinha conservado sua linguagem natural e nada era mais terno. Pareceu-me que deixava a obra mais interessante esse drama e todos os especialistas concordaram, exceto os da *Comédie Française*. Não nos ocupemos mais da minha peça tal como foi recebida. Eu a apresento ao público.

Retornemos ao episódio dos negros: quando se ocuparão em mudá-lo ou, ao menos, amenizá-lo? Não conheço nada da política dos governos, mas eles são justos e jamais a Lei Natural foi melhor ouvida. Trazem uma visão favorável sobre todos os primeiros abusos. O homem é igual em toda parte. Os reis justos não querem escravos; sabem que eles têm súditos submissos e a França não abandonará os infelizes que passam desta para melhor em seu pesar, desde que o interesse e a ambição foram habitar as ilhas mais desconhecidas. Europeus ávidos do sangue e do metal, que a cupidez chamou de ouro, mudaram a natureza nesses climas felizes. O pai desconheceu o seu filho, o filho sacrificou o seu pai, os irmãos combateram entre si e os vencidos foram vendidos como gado no mercado. O que afirmo? Tornou-se um comércio nos quatro cantos do mundo.

Um comércio de homens! Grande Deus! E a natureza não estremece! Se eles são animais, não somos como eles? E em que os brancos se diferem dessa espécie? É na cor, porque o insípido loiro não quer ter a preferência sobre o moreno que a tem sobre o mulato? Essa tentação é tão surpreendente como a do negro ao mulato. A cor do homem é nuançada, como em todos os animais que natureza fez, assim como as plantas e os minerais. Por que o dia não disputa com a noite, o sol com a lua e as estrelas com o céu? Tudo é variado e esta é a beleza da natureza. Por que então destruir a sua obra?

A humanidade não é a sua mais bela obra de arte? O otomano faz com os brancos o que nós fazemos com os negros: não o tratamos, entretanto, como bárbaro e inumano, e exercemos a mesma crueldade sobre os homens que não têm outra resistência senão a submissão. Mas, quando essa submissão é uma vez deixada, o que é produzido pelo despotismo bárbaro dos habitantes das Ilhas e

das Índias? Revoltas de todo tipo, carnificinas que o poder das tropas não fazem aumentar, envenenamentos e tudo o que o homem pode fazer quando está revoltado. Não é atroz aos europeus, que conseguiram por sua indústria habitações consideráveis, desferir golpes de dia e à noite nos infortunados que ainda cultivariam seus campos férteis, se eles tivessem mais liberdade e doçura?

Sua sorte não é das mais cruéis, seus trabalhos também penosos, sem que se exerça sobre eles, pela menor falha, os mais horríveis castigos? Fala-se em mudar sua sorte, em propor os meios de amenizá-la, sem temer que esta espécie de homens faça mau uso de uma liberdade plena e subordinada.

Eu não entendo nada de política. Auguram que uma liberdade generalizada tornaria os homens negros tão essenciais quanto os brancos: que, depois de tê-los deixado mestres de seu destino, eles seriam donos de suas vontades. Que eles poderiam criar os filhos perto de si e seriam mais compenetrados e zelosos em seus trabalhos. O espírito de partido não os atormentaria mais, o direito de se elevarem como os outros os tornaria mais sábios e mais humanos. Não se teria mais de temer conspirações funestas. Seriam cultivadores livres de suas terras, como os camponeses na Europa. Não deixariam os seus campos para migrarem para as nações estrangeiras.

A liberdade dos negros fará alguns desertores, mas muito menos do que os habitantes das campinas francesas. Com dificuldade, os jovens aldeões conseguiram a idade, a força e a coragem para direcionarem-se à Capital e lá conseguir o nobre emprego de lacaio ou porteiro. Há cem criados para um posto, enquanto que nos campos faltam cultivadores.

Esta liberdade multiplica um número infinito de ociosos, de infelizes, enfim, de maus sujeitos de todo tipo. Que seja colocado um limite sábio e salutar a cada povo. É a arte dos soberanos e dos Estados republicanos.

Meus conhecimentos naturais poderiam me fazer encontrar um meio seguro, mas eu me guardarei de apresentá-lo. Precisaria ser mais instruída e mais esclarecida sobre a política dos governos. Eu disse, não sei nada, e é por acaso que eu submeto minhas boas ou más observações. O destino desses infortunados deve me interessar muito mais do que a qualquer um, visto que faz cinco anos que concebi um tema dramático sobre a sua deplorável História.

Tenho somente um conselho para dar aos *Comédiens-Français* e é o único favor que lhes pedirei na vida: é o de adotar a cor e os trajes negros. Jamais uma ocasião foi tão favorável e espero que a representação desse drama produza o efeito que deve ser esperado, em favor dessas vítimas da ambição. Os trajes acrescentarão muito para o interesse desta peça. Eles emocionarão a pena e o coração de nossos melhores escritores. Meu objeto será alcançado, minha ambição satisfeita e a *Comédie* se elevará ao invés de rebaixar-se por causa da cor.

Sem dúvida, a minha felicidade seria muito grande se eu visse a representação de minha peça como eu a desejo. Este fraco esboço demandaria um quadro tocante para a posteridade. Os pintores que teriam a ambição de aí colocarem seus pinceis poderiam ser considerados como os fundadores da humanidade mais sábia e mais útil. Estou certa de que a sua opinião beneficiaria a fraqueza desse drama em favor do tema.

Realizem então a minha peça, senhoras e senhores. Ela esperou bastante tempo por sua vez. Aqui está ela publicada, vocês quiseram; mas todas as nações comigo pedem-vos a representação, persuadida de que elas não me desmentirão. Esta sensibilidade que assemelha-se ao amor próprio no outro além de mim não é senão o efeito que causam no meu coração todos os clamores públicos em favor dos negros. Todo leitor que bem me apreciou será convencido desta verdade.

Mas com vocês, senhoras e senhores, devo me justificar depois de querer passar ridículo a respeito de Molière e a respeito do Sr. Mercier, que considero e estimo muito, visto que ele, antes de mim, foi muito maltratado por vocês, mas é um homem honesto. Ele não conhece as adulações e as baixeiras de todos os literatozinhos e não me espanta que não souberam apreciá-lo. Não duvido que, malgrado todas as ofensas que devo ter contra vocês, não estejam em condições de fazer justiça quando o querem bem. Mas é preciso convir que frequentemente vocês não o querem. O falso agrada-lhes o caráter, e frases bem polidas ao seu talento. As distinções dramáticas lhes escapam e é, entretanto, o que melhor deveriam reter.

Enfim, passo aos meus últimos avisos. Eles me custam caro e creio, a esse preço, poder dá-los. Adeus.

Senhoras e senhores, após as minhas observações, representem a minha peça conforme o seu julgamento a respeito. Não irei aos ensaios. Transfiro todos os direitos para o meu filho. Possa ele fazer um bom uso e preservar-se de se tornar um autor da *Comédie Française*. Creio eu, ele jamais rabiscará em literatura. Contudo, eu jamais pude impedi-lo de entregar-se ao impulso geral. A filha de Noyon tornou-se uma autora repentinamente. As belas ações do

Monsenhor Duque de Orleans excitaram a sua pena. Confesso que contribuí em alguma coisa nas anedotas e, sem o objetivo que reina nessa bagatela, esta produção não seria sustentável e eu poderia deixá-la sob o anonimato. Todavia, estando convencida que é lastimavelmente escrita, eu a coloquei no final de meu último volume.

Existem autores que mantêm sempre o mistério a menos que tenham sucesso. Não vejo desonra em um escrito medíocre e esse merece indulgência tanto pelo objetivo como pelo tema, mas ele retocou seu plano da filha de Noyon e com um de seus amigos fizeram uma ópera-cômica que creio ser suscetível de algum sucesso. Contudo, devo mostrar ao público o autor e convir ainda que as piores coisas são de meu estilo. Ocupei-me uma hora no máximo e aí não tinha refletido. Meu filho não foi o mais sábio e a minha mediocridade neste gênero não fez senão enfraquecer o seu primeiro ensaio. Então, para ele exijo indulgência e para mim o maior rigor. Eu me antecipo às sanções honrosas e, para que o meu leitor então queira me perdoar, eu peço-lhe para lembrar de Zamor e Mirza e do século dos grandes homens. Ele logo esquecerá que, como madrasta, eu me enganei sobre ser boa mãe.

Referências

ANDRÉ-ANQUIER, Geneviève. *Olympe de Gouges et la question de l'esclavage des noirs*, Disponível em: http://web.ac-toulouse.fr/automne_modules_files/pDocs/public/r26109_61_olympede_gouges_et_la_question_de_lesclavage_des_noirs.pdf. Acesso em: 26 nov. 2019.

BLANC, Olivier. *Olympe de Gouges: des droits de la femme à la guillotine*. Paris: Tallandier, 2014.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOUGES, Madame de. *Réflexions sur les hommes nègres*. In: *Esclavage des noirs ou l'Heureux Naufrage*. Tome I. Paris: Cailleau, 1788. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Esclavage_des_noirs_ou_l%E2%80%99Heureux_Naufrage, p. 14-19. Acesso em: 26 nov. 2019.

HOLBACH, Barão de. *A moral universal ou os deveres do homem fundamentados na sua natureza*. Tradução de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2010.

Referência para citação desta tradução

PRIMO, Marcelo de Sant'Anna Alves. *Reflexão sobre os negros*, de Olympe de Gouges. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 636 – 650, novembro de 2020.